

TRUMAN CAPOTE: DO SURGIMENTO DO NEW JOURNALISM A “À SANGUE FRIO”¹

Jackeline CARVALHO²

Roberta SCHEIBE³

Universidade Federal do Amapá, AP

RESUMO

O presente artigo explana o surgimento do *New Journalism* nos Estado Unidos, na década de 50 do século XX. Analisa os estilos anteriores que influenciaram o novo gênero literário e suas características mais marcantes, autores e as referências do gênero, juntamente com a consolidação de Truman Capote como expoente do estilo, até o lançamento do livro reportagem “À Sangue Frio”, sobre a chacina da família Clutter, no meio oeste americano.

PALAVRA-CHAVE: *New Journalism*; gênero literário; Truman Capote; À Sangue Frio.

¹ Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Boa Vista - RR – 06 a 08/07/2016

²Discente de graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP . E-mail: jcarvalho122@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Unifap. E-mail: robertascheibe@gmail.com

INTRODUÇÃO

O surgimento do Novo Jornalismo permeia o próprio contexto histórico dos Estados Unidos na década de 50. Após a Segunda Guerra Mundial e com a popularização do aparelho de televisão, o papel do jornalista ficou relegado aos fundos das redações dos jornais. A vontade de construir reportagens bem apuradas e ricas em detalhes era cada vez mais enterrada pela velocidade da informação e do comodismo que a TV proporcionava.

Acidentalmente, ou pela necessidade de continuar no ofício, jornalistas norte-americanos construíram um novo jeito de fazer jornalismo. Não bastava apenas narrar o fato, tinha também que estar inserido como personagem, dar mais veracidade à reportagem. Segundo Abreu (2012), assim saía de cena ao menos momentaneamente, o repórter-técnico, que escrevia a notícia viciosamente, seguindo os padrões de jornalismo da época, dando lugar ao “repórter-escritor”, aquele que explora a sensibilidade do estilo próprio ao transmitir a notícia.

Escrever um romance e ser reconhecido como escritor também era almejado pelo jornalista da época. Queriam tornar-se Willian Faulkner, Ernest Hemingway, John Steinbeck, escritores já renomados. Para Czarnobai (2012), o *New Journalism* nasce para, de certa forma, satisfazer uma necessidade que muitos jornalistas possuíam: o sonho de escrever um grande romance.

O artigo tem como objetivo fazer um panorama acerca do surgimento do gênero, seus principais autores e o representante que obteve mais notoriedade no estilo: Truman Capote e a cobertura da chacina da família Clutter, no meio oeste americano.

1. Origem

A reportagem, espinha dorsal do *New Journalism*, nasce nos campos durante as ocorridas nos Estados Unidos. Já com características conhecidas atualmente, os relatos eram fiéis, mas retratava apenas uma versão do que acontecia nos confrontos. Segundo Neveu (2006, p. 23), o nascimento da reportagem é ligada à cobertura da Guerra da Secessão. Os relatos eram romanceados, floridos e que lembravam obras literárias de ficção.

Mas já no início do século XX, os chamados *PennyPress* – jornais baratos-, com notícias de porta de cadeia, de políticos ou fofocas sobre casamento e divórcios se

materializam nos grandes centros estadunidenses, frutos da industrialização do país no final do século XIX e início do século XX. Possuíam características de reportagem, mas eram pobres de conteúdo, pois o importante era repassar, o quando, onde, o que e como. Nas reportagens, ficava claro o uso da Teoria do Espelho, baseada na ideia de que o jornalista apenas relatava os acontecimentos de maneira objetiva e com imparcialidade. De acordo com Traquina (2001, p. 149),

A legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito à profissionais e asseguram o trabalho de recolher a informação e de relatar os fatos, sendo simples mediadores que “reproduzem” o acontecimento da notícia.

Os Estados Unidos das décadas de 50 e 60 começaram a sofrer uma profunda transformação político-social, com o movimento de contracultura, a pressão da população contra a guerra do Vietnã, Martin Luther King liderando a luta contra a segregação racial em solo americano e o uso indiscriminado de LSD. Naturalmente foi surgindo um novo tipo de jornalismo onde não se podia mais ficar em cima do muro. O jornalista tinha que se expor, torna-se parte de um todo, parte da própria reportagem.

As grandes reportagens do *New Journalism* foram importantes para esclarecer os fatos para o leitor, pois os leitores ansiavam mais do que jornalismo. Foi quando surgiram as primeiras reportagens de caráter literário em impresso como *The New Yorker*, *Esquire*, *The New Republic* e *Rolling Stone* (LACERDA, 2013)

Com a chegada da televisão, os Estados unidos renderam-se à novidade. Diante de um texto frio e mecânico, relatar uma boa reportagem, de maneira criteriosa e essencialmente verídica era uma questão de sobrepor a TV. E nada como uma boa história para competir com o novo meio de comunicação. E o que é melhor: uma história real.

É curioso constatar que, face à força do discurso televisivo a imprensa tenha sentido necessidade de regressar a um convívio mais íntimo com a literatura, aproximando-se, novamente, do jornalismo praticado no século XIX e início do século XX. A causa desse retorno seria a proximidade de significação dos conceitos “liberdade de imprensa” e “liberdade de opinião”, com a qual se justificou a procura de “novas dramatizações da subjetividade do jornalista, o texto de jornal volta a ser intitulado “texto de autor” e a matéria-prima da notícia se transforma (ou se remodela) em elementos de “intriga de novelas jornalísticas” (MENDES, 2012)

A liberdade da narrativa, a escolha do tema, a ambientação da história, são as ferramentas certas para a criação do romance não-ficção. A maior característica do estilo é a construção sob fatos verídicos, Temas humanos, trágicos ou cômicos podem ter

torna-se, no mínimo, num conto. Segundo Czarnobai (2012), estas características aproximavam a reportagem das narrativas realistas de ficção, com a exclusiva diferença de não haver – em tese e por definição – absolutamente nada fictício nos relatos publicados em periódicos.

De acordo com Carta (2003, p. 15), uma investigação séria, aquela que “cavoca” até o fundo, independentemente dos tipos de laços com as fontes, é um pilar do *New Journalism*.

A receita para os jornalistas saírem de suas salas de redação cheias de fumaça de cigarro e serem reconhecidos estava pronta.

Um novo e curioso conceito vivo o bastante para inflamar os egos, havia decidido invadir os diminutos confins da esfera profissional da reportagem. Esta descoberta (...) consistiria em tornar possível um jornalismo que... fosse igual a um romance. (WOLF apud CZARNOBAI, 2012)

Para se firmar com um gênero jornalístico, precisou-se galgar espaço. Apuração de fatos, entrevistas infundáveis, checagem de informações, mas com técnicas literárias na construção da narrativa, fizeram-se obter o reconhecimento de sua existência. Mesmo sendo uma obra literária, tem valores sociais e culturais agregados.

Antes de definir o que é *New Journalism*, contudo, é importante fazer a observação de que não se trata de um gênero absolutamente inédito e sim parte da evolução da literatura que busca inspiração na literatura de realismo social, de relato e nas manifestações literárias com caráter factual e informativo – e portanto, jornalístico, que convencionou-se chamar, modernamente, de Jornalismo Literário, caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos (CZARNOBAI, 2012)

2. As primeiras obras do *New Journalism*

No final da década de 50 surgia um novo estilo pela necessidade de renovar a linguagem jornalística da época. Com a essa renovação, surgiram os jornalistas- escritores.

O primeiro a surgir com um texto que destoasse do costumeiro jornalismo feito na época foi Gay Talese, em 1962. Publicou na *Esquire* um texto chamado “Loe Luis: o rei como home de meia idade”. Mas causou estranheza em narrar detalhes que seriam dispensáveis para uma matéria jornalística, como o diálogo entre o protagonista com sua esposa na porta do aeroporto. Em seguida, Jimmy Breslin também conseguiu um espaço no jornal *Herald Tribune*. Com a liberdade que tinham para escrever nas colunas, os jornalistas invadiam mais e mais a seara dos escritores, criando cenários ambientados de acordo com o lide de matéria.

Em 1963 foi a vez de Tom Wolf enveredar pelos caminhos do jornalismo literário. Escreveu para o *Esquire* um artigo intitulado *Aí vem (Vrum Vrum)*.

Para Wolf, o mais interessante não era a sensação de ter feito algo em jornalismo, mas sim a descoberta de que era possível fazer descrições muito fiéis da realidade usando técnicas habitualmente utilizadas no conto e no romance e que serão descritas posteriormente neste artigo. Isso significa que um artigo jornalístico poderia valer-se de qualquer recurso literário para cativar o leitor tanto pelos argumentos quanto pelo lado emocional (CZARNOBAI, 2012)

Porém é com Truman Capote e Norman Mailer que o *New Journalism* toma forma que conhecemos atualmente. Mas primeiro é preciso explicar a diferença entre *New Journalism* e Jornalismo Literário.

Jornalismo Literário é um termo que hoje serve para descrever todas as manifestações jornalístico-literárias percebidas ao longo da história, enquanto *New Journalism* refere-se apenas à geração de escritores e jornalistas norte-americanos dos anos 60, encabeçados por Wolf, Talese, Breslin, Capote e Mailer, agora com status de movimento literário (CZARNOBAI, 2012)

3. “*My name is Truman Capote*”

Na verdade, seu nome é Truman Streckfus Persons. Nascido em 30 de setembro de 1924 em Nova Orleans, Louisiana, estados Unidos. Filho de Archulus Persons e Lilie Mae Faulk. Após uma separação conturbada, Truman foi mandado para a casa das tias maternas, no Estado do Alabama. Garoto tímido e sem amigos, Truman chegou a ser considerado pelos professores como um garoto retardado, pois tinha notas muito abaixo da média da classe. Preocupada com a saúde mental do sobrinho, as tias o levaram a um psicólogo, que logo o diagnosticou como um gênio. Aos dez anos, escreveu seu primeiro conto, chamado *Old Mr. Busybory*, sendo premiado em um concurso da cidade.

O sobrenome Capote veio do padrasto Joseph Capote, cubano da indústria têxtil. Já morando com a mãe em Nova York, Truman termina os estudos e começa a trabalhar no jornal *The New Yorker*.

Tornou-se um grande jornalista, amado por alguns e odiado por muitos. Gostava de fazer as entrevistas com famosos, a *La Caras ou Contigo!*. Já se valendo de tática como entrevistador de contar detalhes da vida particular – mas não tudo - , para envolver o entrevistado, Capote se trancou em um quarto de hotel com o então astro de Hollywood, Marlon Brando, em Kyoto, no Japão. Segundo Danton (2011), os dois conversaram a

noite inteira sem que gravasse ou fizesse anotações. Ele acreditava que esses recursos criam um clima artificial e destrói a naturalidade por parte do entrevistado.

Era minha opinião que a reportagem poderia ser uma arte tão elevada e requintada quanto qualquer outra forma de prosa – o ensaio, o conto, a novela (...) Minha ideia foi a seguinte: qual o nível mais baixo da arte jornalística, o mais difícil de transformar de uma orelha de porco em uma bolsa de seda? A “entrevista” com os astros do cinema, no gênero Silver Screen: por certo nada seria mais difícil de enobrecer do que aquilo! (CAPOTE apud ABREU, 2013)

Nada foi inventado ou aumentado, mas a técnica de envolver os entrevistados a ponto de contar os anseios mais profundos era o que os deixavam irritados. Ao ler a matéria publicada no jornal *The New Yorker*, Marlon Brando apenas disse: “aquele pequeno canalha passou a metade da noite me contando os seus problemas. Achei que o mínimo que poderia fazer era contar-lhe os meus” (DANTON, 2011).

3.1 – *New Journalism* e a Família Clutter

Truman Capote era jornalista do jornal *The New Yorker*. Já famoso com o livro *Bonequinha de Luxo* – que na mesma época virou filme – deparou-se com uma nota sobre a chacina de uma família no Estado do Kansas.

Diferente de tudo o que já escrito até então, Truman resolveu viajar até a cidade para conhecer de perto o que seria sua obra prima, e um marco no estilo literário. Ou seria estilo jornalístico?

Novembro de 1959, cidade de Holcomb, Kansas. Vilarejo cercado de plantações e criação de animais. Os quase 270 habitantes ficaram em estão de choque quando Herb Clutter, a mulher Bonnie e os dois filhos, Kenyon e Nancy, foram brutalmente assassinados na própria casa. Sendo uma questão de honra, a polícia procurou os culpados incansavelmente. Cometendo diversos crimes ao longo do meio oeste, Richardo Hickock e Perry Smith foram capturados após passarem cheques sem fundo em cidades próximas. Foram condenados à morte.

Truman conseguiu o aval do editor-chefe do *The New Yorker* para escrever uma reportagem para o jornal. Ao chegar em Holcomb, percebeu que tinha material para um livro. Seria um romance “não-ficção”.

Capote passou seis anos para concluir *À Sangue Frio*. Entrecistou por diversas vezes moradores da cidade, investigadores, e principalmente, os suspeitos pelo crime. Tinha um modo peculiar de obter as informações que queria. Envolvia as fontes numa espécie

de troca de experiências de vida, os deixava à vontade, ganhava a confiança e se tornava digno de ouvir as mais profundas angústias e segredos dos interlocutores. Sabia o que dizer e a quem dizer no momento certo e assim obtinha o que queria. Mesmo sendo egocêntrico e afetado, Truman envolveu cada um que entrevistou.

E assim o fez com os assassinos dos Clutter. Conseguiu permissão da justiça do Kansas para visita-los nas celas da prisão e entrevista-los por horas seguidas. Mas Capote não queria contar apenas o crime em si, queria contar a história de cada um dos suspeitos, onde nasceram, como era relação com os pais, porque entraram para o mundo do crime. Não eram apenas criminosos, eram seres humanos.

Em paralelo, também investigou a fundo a vida dos Clutter. A relação entre pais e filhos, com os vizinhos, a vida religiosa. Não era apenas contar, mas como contar.

Quanto ao texto, no *New Journalism* ele tem de ser objetivo, e ao mesmo tempo, elegante, mas sem afetações. Escrever com simplicidade – isso já virou até jargão, mas aqui preciso repetir – é difícil. Na grande reportagem, ao contrario do artigo que só dá notícias, você precisa de uma voz, de um ritmo e, claro, de uma história. E uma estrutura repleta de imaginação e imagens (CARTA, 2003, p. 14)

Truman conseguiu transportar para as páginas do livro a cor cinzenta daquele lamentável novembro de 1959, o cheiro do café dos Clutter na última manhã de vida, a descrição da cena do crime, a posição dos corpos e a reação de cada assassino. Em muitos trechos as narrações tornam-se cansativas, mas muito minimalista acerca dos fatos. O trecho abaixo descreve a manhã em que a família Clutter foi assassinada. A riqueza de detalhes é uma característica constante na obra:

Depois de beber o copo de leite e de cobrir a cabeça com um boné forrado de pelúcia, Mr. Clutter pegou na maçã e foi trincar-la para fora enquanto ia observando a manhã. Fazia gosto comer maçãs com um tempo daqueles: a claridade branca do sol descia de um céu puríssimo e o vento do leste fazia estremecer, sem as arrancar, as folhas dos álamos chineses. O Outono recompensa o Kansas ocidental das agruras que as restantes estações lhe impõe: os ventos fortes do Colorado e a neve que sobre até a altura da cinta e mata o gado; os lamaçais e os estranhos nevoeiros da Primavera, o Verão ardente, em que até os corvos procuram a sombra escassa e os milhares de caules tismados (CAPOTE, 2007, p. 52)

4 – Considerações finais

O *New Journalism* transformou o jeito de repassar uma notícia, aproximou o leitor de um mundo cheio de cenário, detalhes e verdades. Quando a leva de jornalistas da década de 50 se muniam apenas de fatos sensacionalistas e populescos, nomes como Gay Talese, Tom Wolf e Norman Mailer, conseguiram radicalizar no modo de contar uma notícia. Ela era um romance.

Porém o grande expoente do gênero jornalístico, sem dúvida, foi Truman Capote. Homem controverso, ousado e que, com faro jornalístico, escreveu um dos melhores livros de não-ficção. Ou seria o primeiro livro de não-ficção?

Ao escrever sobre a família Clutter, Capote cria uma nova linguagem jornalística (que muitos também atribuem como novo gênero literário). Capote pagou um alto preço pelo novo. Mesmo após concluir o romance *À Sangue Frio*, o autor não se desvencilhar das lembranças dos seis anos pesquisou sobre os assassinos dos Clutter. Morreu por complicações com álcool e remédios, sem nunca ter chegado perto de escrever novamente uma obra tão brilhante quanto o romance não-ficção. Só resta a genialidade entrar para a eternidade.

Referências:

ABREU, Allan de. *New Journalism: A experiência literária no jornalismo*. Disponível em: <http://criticaecompanhia.com/allan.htm>. Acesso em 27 de jan. de 2013.

CARTA, Gianni. **Velho Novo Jornalismo**. São Paulo: Codex, 2003.

CAPOTE, Truman. **À Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo: o filho bastardo do New Journalism**. Disponível em: <http://qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo02.html>. Acesso em: 07 de dez. de 2012.

DANTON, Gian. **Propostas discordantes do jornalismo**. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=573>>. Acesso em 28 de jan. de 2013.

LACERDA, Luciene Mendes. **O jornalismo gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Tompson e Arthur Veríssimo**. Disponível em: <http://ufgrs.br/alcar/encontro>. Acesso em 28 de jan. de 2013.

MENDES, João Maria R. **Mudança vigiada do discurso da Imprensa**. Disponível em: <http://www.cecl.pt/rc1/01/rc101-05.html>. Acesso em 28 de jan. de 2013.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RESENDE, Fernando. **Textualizações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolf**. São Paulo: Annablume, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

